

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS (1908)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ÜBER INFANTILE SEXUALTHEORIEN

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1908 *Sexual-Probleme*, 4 (12) [dezembro], 763-779.

1909 *S.K.S.N.* 2, 159-174. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.* 5, 168-185.

1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 43-61.

1941 *G.K.*, 7, 171-188.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'On the Sexual Theories of Children'

1924 *C.P.*, 2, 59-75. (Trad. de D. Bryan.)

A presente tradução é uma versão modificada da publicada em 1924.

Este artigo foi publicado pela primeira vez num número posterior do mesmo periódico em que apareceu o artigo precedente (ver em [1]). Embora tenha vindo a público de forma discreta, e embora contenha muito poucas surpresas para o leitor moderno, na verdade apresentou ao mundo uma quantidade apreciável de idéias novas. Esse paradoxo torna-se compreensível ao verificarmos que este artigo foi publicado alguns meses antes do caso clínico do 'Little Hans' (1909b) (embora, como revela em [1], esse trabalho já estivesse em revisão) e que a seção dos *Três Ensaio*s (1905d) sobre 'As Pesquisas Sexuais da Infância' (ver a partir de [2], 1972) só tenha sido acrescentada a essa obra em 1915, oito anos depois da publicação deste artigo, do qual, na realidade, aquela seção é apenas pouco mais que um resumo. É verdade que, num artigo anterior sobre 'O Esclarecimento Sexual das Crianças' (1907c), Freud transcreveu algum material do 'Little Hans' (ver a partir de [1]) e fez um breve exame da curiosidade infantil sobre o sexo, chegando a mencionar a existência de 'teorias sexuais infantis' (ver em [2]) sem discorrer entretanto sobre a sua natureza.

Aqui os primeiros leitores deste trabalho, quase sem uma preparação, defrontam-se com as idéias da fertilização pela boca, do nascimento pelo ânus, das relações sexuais dos pais como algo sádico e da posse de um pênis por membros de ambos os sexos. Essa última noção envolveria as implicações mais extensas, também mencionadas pela primeira vez nestas páginas: a importância do pênis para as crianças dos dois sexos, os resultados da descoberta de que um

dos sexos não o possui, o aparecimento na menina da 'inveja do pênis' e nos meninos do conceito da 'mulher com um pênis', e o papel desse conceito numa forma de homossexualidade. Por fim, encontramos aqui a primeira menção e o primeiro exame explícito do 'complexo de castração', cujo único prenúncio fora uma obscura referência a uma ameaça de castração em *A Interpretação de Sonhos* (1900a, ver em [1], 1972).

O riquíssimo material aqui exposto pode, sem dúvida, ser em grande parte atribuído às descobertas da análise do 'Little Hans', cujo relato, recentemente terminado, ilustrava e ampliava grande parte do conteúdo deste artigo.

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS

O material que serve de base a esta síntese procede de várias fontes. Em primeiro lugar, da observação direta do que as crianças dizem e fazem; em segundo, do que neuróticos adultos conscientemente lembram de sua infância e relatam durante o tratamento psicanalítico; e, em terceiro lugar, das traduções e conclusões, e das lembranças inconscientes traduzidas em material consciente, que resultam da psicanálise de neuróticos.

O fato de que a primeira dessas três fontes não tenha sido suficiente para fornecer todos os elementos necessários para o esclarecimento do assunto deve-se à atitude do adulto em relação à vida sexual das crianças. Não lhes atribuindo nenhuma atividade sexual, o adulto não se esforça por observar seus indícios, suprimindo, por outro lado, qualquer manifestação dessa atividade que lhe chame a atenção. Conseqüentemente, são muito mais restritas as oportunidades de obter informações dessa que seria a mais fértil e inequívoca das fontes. O que provém das comunicações espontâneas dos adultos a respeito de suas lembranças infantis conscientes está, na melhor das hipóteses, sujeito à suspeita de uma adulteração no processo de rememoração; ademais, no seu exame deve ser levado em conta que os informantes se tornaram neuróticos. Já o material procedente da terceira fonte será objeto daquelas críticas usualmente dirigidas contra a fidedignidade da psicanálise e de suas conclusões. Não me é possível tentar aqui justificá-la; e posso apenas assegurar que os que conhecem e praticam a técnica psicanalítica adquirem uma ampla confiança em suas descobertas.

Não garanto ter alcançado resultados perfeitos, mas asseguro que empreguei o máximo cuidado para chegar a eles.

Uma questão difícil é determinar até que ponto se deve supor que as observações aqui relatadas a respeito de algumas crianças seja verdade para todas as crianças. As pressões da educação e a variável intensidade do instinto sexual certamente permitem grandes variações individuais no comportamento sexual das crianças, e sobretudo influenciam a época do aparecimento do interesse sexual da criança. Por esse motivo não dividi minha apresentação do material de acordo com os sucessivos períodos da infância, mas reuni numa única exposição fatos que ocorrem ou mais cedo ou mais tarde em cada criança. Estou convicto de que nenhuma criança

- pelo menos nenhuma que seja mentalmente normal e menos ainda as bem dotadas intelectualmente - pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade.

Não dou valor à objeção de que os neuróticos constituem uma classe especial, marcada por uma disposição inata 'degenerada', e de cuja vida infantil não podemos tirar qualquer conclusão sobre a infância de outras pessoas. Os neuróticos são muito semelhantes aos demais homens. Não se diferenciam acentuadamente das pessoas normais, e na infância não é fácil distingui-los dos que permanecerão sadios em sua vida posterior. Um dos resultados mais valiosos das investigações psicanalíticas é a descoberta de que as neuroses de tais indivíduos não possuem um conteúdo mental especial e peculiar, mas que, como Jung já analisou, eles adoecem devido aos mesmos complexos com que nós, as pessoas sadias, lutamos. A única diferença é que as sadias sabem superar esse complexos sem sofrer danos graves e visíveis na vida prática, enquanto nos casos nervosos a supressão dos complexos só obtém êxito à custa de dispendiosas formações substitutivas, isto é, do ponto de vista prático trata-se de um fracasso. Na infância, as pessoas neuróticas e as normais estão naturalmente muito mais próximas do que posteriormente, e assim não considero um erro de metodologia utilizar as comunicações dos neuróticos a respeito de sua infância para delas inferir, por analogia, conclusões sobre a vida infantil normal. Mas como aqueles que posteriormente se tornam neuróticos com freqüência apresentam em sua constituição inata um instinto sexual particularmente forte e uma tendência à precocidade e à expressão prematura desse instinto, eles nos permitem perceber com maior clareza e precisão uma quantidade maior da atividade sexual infantil do que nossa embotada faculdade de observação poderia reconhecer em outras coisas. No entanto, certamente só poderemos avaliar de forma correta essas comunicações de adultos neuróticos quando, seguindo o exemplo de Havelock Ellis, consideramos proveitoso recolher as lembranças infantis também de adultos *saudáveis*.

Em consequência de circunstâncias desfavoráveis de natureza interna e externa, as observações que se seguem aplicam-se principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo - isto é, o masculino. Entretanto, o valor de uma tal compilação não deve ser puramente de natureza descritiva. O conhecimento das teorias sexuais infantis, tais como as concebe a mente da criança, pode ter interesse em mais de um sentido - até mesmo, surpreendentemente, para a elucidação dos mitos e contos de fadas. Além disso, são indispensáveis para uma compreensão das próprias neuroses, já que nestas ainda atuam as teorias infantis, exercendo uma decisiva influência sobre a forma assumida pelos sintomas.

Se pudéssemos despojar-nos de nossa exigência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta por exemplo, talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios. No entanto, não me parece que as crianças também tomem esse fato

fundamental como ponto de partida de suas pesquisas sobre os problemas sexuais. Como suas lembranças mais antigas já incluem um pai e uma mãe, aceitam a existência destes como uma realidade indiscutível, e um menino adotará a mesma atitude em relação a uma irmãzinha da qual o separam apenas um ou dois anos. O desejo da criança por esse tipo de conhecimento não surge espontaneamente, em consequência talvez de alguma necessidade inata de causas estabelecidas; surge sob o aguilhão dos instintos egoístas que a dominam, quando é surpreendida - talvez ao fim do seu segundo ano - pela chegada de um novo bebê. Também a criança cuja família não aumentou pode colocar-se na mesma situação observando os outros lares. A perda, realmente experimentada ou justamente temida, dos carinhos dos pais e o pressentimento de que, de agora em diante, terá sempre de compartilhar seus bens com o recém-chegado despertam suas emoções e aguçam sua capacidade de pensamento. A criança mais velha expressa sua franca hostilidade ao rival através de críticas inamistosas, esperando que 'a cegonha o leve de volta', e às vezes até através de pequenas agressões à desamparada criatura que está no berço. Quando a diferença de idades é maior, a expressão dessa hostilidade primária é geralmente mais suave. Assim, em idade posterior, se não apareceu um irmão ou uma irmã menores, o desejo da criança por um companheiro de brinquedos, tal como viu em outras famílias, pode alcançar a primazia.

Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: '*De onde vêm os bebês?*' - indagação cuja forma original certamente era: 'De onde veio esse bebê intrometido?' Parece-nos que ouvimos os ecos desse primeiro enigma nos inúmeros enigmas dos mitos e lendas. Essa pergunta é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos. Suponhamos, entretanto, que o pensamento infantil logo se torne independente dessa instigação e passe a operar como um instinto auto-sustentado de pesquisa. Quando a criança não foi demasiadamente intimidada, mais cedo ou mais tarde recorre ao método direto de exigir uma resposta dos pais ou dos que cuidam dela, que representam a seus olhos a fonte de todo o conhecimento. Esse método, entretanto, falha. A criança recebe respostas evasivas, ou repreensões por sua curiosidade, ou ainda é despedida com a explicação mitológica que, nos países germânicos, é a seguinte: 'A cegonha traz os bebês; ela os retira da água.' Tenho motivos para acreditar que o número de crianças que não se satisfazem com essa solução, recebendo-a com fortes dúvidas que entretanto não admitem abertamente, é bem maior do que os pais supõem. Sei de um menino de três anos que, após receber essa informação, desapareceu - para terror de sua ama. Foi encontrado à margem de um grande lago que ficava perto da casa, para onde acorrera a fim de ver os bebês que estavam dentro d'água.

Sei também de outro menino que só conseguiu expressar sua dúvida retrucando timidamente que não era uma cegonha que trazia os bebês, mas sim uma garça. De um grande número de informações que reuni, deduzi que as crianças se recusam a crer na teoria da cegonha e que, a partir dessa primeira decepção, começam a desconfiar dos adultos e a suspeitar que estes lhe escondem algo proibido, passando como resultado a manter em segredo suas

investigações posteriores. Com isso, entretanto, a criança experimenta o seu primeiro 'conflito psíquico', pois certas concepções pelas quais sente uma preferência instintual não são consideradas corretas pelos adultos e contrapõem-se a outras defendidas pela autoridade dos mais velhos, as quais, entretanto, não lhe parecem aceitáveis. Esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa 'dissociação psíquica'. O conjunto de concepções consideradas 'boas', mas que resultam numa cessação da reflexão, torna-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas, as quais entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose.

Recentemente, a análise de um menino de cinco anos, feita pelo pai e a mim confiada para publicação, forneceu-me a confirmação irrefutável da correção de uma concepção que há muito inferi da psicanálise de adultos. Sei agora que as alterações sofridas pela mãe no decurso da gravidez não escapam aos olhos aguçados da criança, e que esta é perfeitamente capaz de logo estabelecer uma relação entre o aumento de volume materno e o aparecimento do bebê. No caso que citei acima, o menino tinha três anos e meio quando nasceu a irmã, e quatro anos e nove meses quando revelou o seu conhecimento por meio de claras alusões. Essa descoberta precoce, entretanto, é sempre conservada em segredo e mais tarde reprimida e esquecida, de acordo com as posteriores vicissitudes das pesquisas sexuais da criança.

A 'fábula da cegonha', portanto, não é uma das teorias sexuais da criança. Sua descrença nela é, ao contrário, fortalecida pela observação dos animais, que tão pouco dissimulam sua vida sexual e aos quais ela se sente tão intimamente ligada. Com o conhecimento de que os bebês crescem no interior do corpo da mãe, conhecimento a que chegou por si só, a criança estaria no caminho certo para solucionar o primeiro problema a que aplica suas energias mentais. No entanto, seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada (ver a partir de [1]) e pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade.

Essas teorias sexuais falsas, que agora examinei, possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos, que consideramos geniais, para decifrar os problemas do universo, que são tão complexos para a compreensão humana. A parte dessas teorias que é correta e atinge o alvo provém dos componentes do instinto sexual que já atuam no organismo infantil. Não surge de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das necessidades da constituição psicosexual da criança, motivo pelo qual podemos falar de teorias sexuais infantis típicas, e pelo qual encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso.

A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos a que me referi no início deste artigo (ver a partir de [1]) como uma característica infantil. Consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo. É justamente na constituição sexual que devemos encarar como 'normal' que, já

na infância, o pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto-erótico. O alto valor que o menino lhe concede reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial. As palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear uma percepção. Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta *invariavelmente*, com intenção consoladora: 'O dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer.' A idéia de uma mulher com pênis retorna mais tarde, nos sonhos dos adultos; o indivíduo que sonha, num estado de excitação sexual noturna, subjuga a mulher, despoja-a de suas vestes, mas quando vai realizar o coito vê no lugar dos genitais femininos um pênis bem desenvolvido, e põe fim ao sonho e à excitação. Os numerosos hermafroditas da Antigüidade clássica reproduzem fielmente essa idéia generalizada na infância. Embora tais imagens não repugnem à maioria das pessoas normais, os exemplos reais de hermafroditismo que ocorrem na natureza despertam sempre o maior asco.

Se um indivíduo na infância 'fixa' essa idéia da mulher com um pênis, tornar-se-á, resistindo a todas as influências dos anos posteriores, incapaz de prescindir de um pênis no seu objeto sexual, e, embora em outros aspectos tenha uma vida sexual normal, está fadado a tornar-se um homossexual, indo procurar seu objeto sexual entre os homens que, devido a características físicas e mentais, lembram a mulher. Quando, mais tarde, vem a conhecer mulheres, elas já não podem mais ser para ele objetos sexuais porque carecem da atração sexual básica; na verdade, em conexão com uma outra impressão de sua vida infantil, elas podem causar-lhe repugnância. O menino, no qual dominam principalmente as excitações do pênis, costuma obter prazer estimulando esse órgão com a mão. Seus pais e sua ama o surpreenderam nesse ato e o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis. O efeito dessa 'ameaça de castração' é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente. As lendas e os mitos atestam o transtorno da vida emocional e todo o horror ligado ao complexo de castração, complexo este que será subsequenteemente lembrado com grande relutância pela consciência. Os genitais femininos, vistos mais tarde, são encarados como um órgão mutilado e trazem à lembrança aquela ameaça, despertando assim horror, em vez de prazer, no homossexual. Essa reação não sofre nenhuma alteração quando o homossexual, através da ciência, vem a saber que a suposição infantil que atribui um pênis à mulher não é assim tão errada. A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno - torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. Como a função sexual de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por uma

repressão tão excessiva que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias históricas - tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande; e quando uma delas declara que 'preferiria ser um menino', já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar.

Se as crianças seguissem as pistas fornecidas pela excitação do pênis, chegariam bem mais perto da solução do seu problema. Que o bebê se forma dentro do corpo da mãe não é obviamente uma explicação suficiente. Como ele chega lá dentro? O que provoca o seu desenvolvimento? Parece lógico que o pai tenha alguma coisa a ver com isso, pois diz que o bebê também é *dele*. O pênis também desempenha certamente algum papel nesses misteriosos acontecimentos, como comprova a excitação desse órgão que acompanha tais atividades mentais da criança. A essa excitação associam-se impulsões que a criança não consegue explicar, compulsões obscuras a um ato violento, a esmagar ou romper qualquer coisa, a abrir um buraco em algum lugar. Mas quando parecesse assim bem encaminhada para descobrir a existência da vagina e inferir que a penetração do pênis paterno na mãe foi o ato que gerou o bebê no corpo desta - nesse momento crítico, a criança perplexa e impotente é obrigada a interromper sua investigação. O obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é a sua própria teoria de que a mãe possui um pênis, como um homem. Não é difícil concluir que o malogro de seus esforços intelectuais o faz rejeitá-los e esquecê-los. Essas hesitações e dúvidas tornam-se, entretanto, o protótipo de todo o seu trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre todo o futuro da criança.

A ignorância da vagina também permite às crianças acreditar na segunda de suas teorias sexuais. Se o bebê se desenvolve no corpo da mãe, sendo então retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal. *O bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação.* Quando, na infância posterior, a mesma questão é assunto de reflexão solitária ou de discussão entre duas crianças, as explicações encontradas são de que o bebê sai pelo umbigo, que se abre, ou através de um corte na barriga - que foi o que aconteceu com o lobo na história do Chapeuzinho Vermelho. Essas teorias são expressas em voz alta e depois lembradas conscientemente, pois nada contêm de censurável. Essas mesmas crianças já esqueceram completamente que em anos anteriores acreditaram em outra teoria do nascimento, agora obliterada pela repressão, ocorrida nesse intervalo, dos componentes sexuais anais. Naquela época a criança podia falar em evacuação sem envergonhar-se, não estando ainda tão distanciada de suas inclinações coprófilas constitucionais. A idéia de vir ao mundo como uma massa de fezes não era degradante, não tendo sido ainda condenada por sentimentos de repugnância. A teoria

cloacal, que afinal é válida para tantos animais, era a teoria mais natural, a única que poderia parecer provável à criança.

Sendo assim, entretanto, era apenas lógico que a criança negasse às mulheres o doloroso privilégio de dar à luz bebês. Se estes nascem pelo ânus, um homem pode parir tão bem quanto uma mulher. Portanto, é possível que o menino imagine que também ele tenha filhos, sem que por isto tenhamos de lhe atribuir inclinações femininas. Com isso ele apenas revela o erotismo anal nele ainda atuante.

Se a teoria cloacal do nascimento é preservada na consciência nos anos posteriores da infância, como às vezes sucede, a ela se associa uma solução, agora não mais primária, da questão da origem dos bebês. Essa solução é semelhante à dos contos de fadas: a ingestão de uma determinada comida ocasiona a concepção de uma criança. Essa teoria infantil do nascimento é revivida em casos de insanidade. Uma mulher maníaca, por exemplo, irá mostrar ao médico atendente as fezes que defecara a um canto da cela e dizer-lhe com uma gargalhada: 'eis o bebê que tive hoje.'

A terceira das teorias sexuais típicas surge nas crianças quando, por qualquer circunstância doméstica, elas testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais. Sua percepção dos acontecimentos é fatalmente muito incompleta. Quaisquer que tenham sido os detalhes que atraíram sua atenção - as posições das duas pessoas, os ruídos ou qualquer circunstância acessória -, a criança chega sempre à mesma conclusão, adotando o que se poderia chamar de uma *concepção sádica do coito*. Ela o encara como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco. No caso do menino, principalmente, compara-o aos brinquedos violentos da infância, que lhe são tão familiares, e dos quais não está ausente uma certa dose de excitação sexual. Não consegui certificar-me se a criança vê, neste comportamento que testemunhou entre seus pais, o elo que lhe faltava para solucionar o problema dos bebês. É bem provável que não percebam essa conexão pelas simples razão de que interpretam o ato de amor como sendo um ato de violência. No entanto, essa concepção dá a impressão de um retorno ao obscuro impulso para um comportamento cruel que se associou às excitações do pênis da criança no momento em que ela principiou a refletir sobre a origem dos bebês (ver em [1]). Não podemos também excluir a possibilidade de que esse impulso sádico prematuro, que quase levou à descoberta do coito, emergiu sob a influência de lembranças extremamente obscuras das relações sexuais dos pais, cujo material, não utilizado na época, foi obtido pela criança em seus primeiros anos, quando ainda compartilhava do quarto dos pais.

A teoria sádica do coito, que tomada isoladamente é enganosa, quando poderia fornecer provas corroborativas, é também a expressão de um dos componentes inatos do instinto sexual, componentes que podem ser mais ou menos vigorosos segundo a criança. Por esse motivo, a teoria é até certo ponto correta, pois adivinhou parcialmente a natureza do ato sexual e da 'batalha do sexo' que o precede. Algumas vezes a criança pode confirmar essa teoria por meio de observações acidentais, que em parte compreende corretamente, mas em parte incorretamente, e

até mesmo no sentido inverso. Em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim o risco de uma nova gravidez. E assim a criança que julgam adormecida (ou que se finge adormecida) pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência. Outras vezes o casamento oferece à observadora criança o espetáculo de brigas contínuas, expressas em palavras duras e gestos inamistosos. Assim, ela não se surpreende se o conflito continua à noite, sendo por fim encerrado pelo método que ela própria utiliza em sua relação com os irmãos e irmãs ou companheiros de brinquedos.

Em acréscimo, se a criança descobre manchas de sangue na cama da mãe ou em suas roupas íntimas, considera-se como uma confirmação de suas concepções. Para ela são provas de que o pai tornou a agredir a mãe à noite (ao passo que interpretaríamos essas manchas como indício de uma interrupção temporária das relações sexuais). Grande parte do 'horror ao sangue' dos neuróticos só é explicável através dessa conexão. Uma vez mais, porém, o engano infantil contém um fragmento da verdade, pois, em certas circunstâncias que nos são familiares, os vestígios de sangue são na verdade interpretados como um sinal de iniciação sexual.

Uma outra questão indiretamente relacionada com o problema insolúvel da origem dos bebês atrai também a atenção da criança: a questão da natureza e do conteúdo do estado de casamento. Ela responderá de formas diversas a essa questão, conforme os instintos nela ainda revestidos de prazer tenham coincidido com suas percepções fortuitas dos pais. Contudo, todas essas respostas têm em comum o fato de que a criança vê no casamento uma promessa de prazer e acredita que esse prazer esteja relacionado com uma ausência de pudor. O conceito que encontrei com maior frequência foi que *os casados urinam um em frente do outro*. Uma variação que parece incluir simbolicamente um maior conhecimento é que *o homem urina no urinol da mulher*. Para outras crianças o casamento significa que *as duas pessoas* mostram seus traseiros um ao outro (sem sentir vergonha). Uma menina de quatorze anos, já menstruada, de quem a educação conseguira afastar o conhecimento sexual, deduziu da leitura de alguns livros que o casamento consistia na 'mistura de sangue'; como sua própria irmã ainda não iniciara seus períodos, a jovem tentou uma agressão sexual a uma visitante que confessara estar menstruada no momento, para forçá-la a participar dessa 'mistura de sangue'.

As teorias infantis a respeito do casamento, retidas com frequência pela memória consciente, têm grande significação na sintomatologia de doenças neuróticas posteriores. A princípio elas são expressas pelos jogos infantis nos quais a criança faz com uma outra aquilo que a seu ver constitui o casamento; mais tarde, o desejo de ser casado pode expressar-se de uma forma infantil e aparecer numa fobia, à primeira vista inexplicável, ou em algum sintoma correlato.

Estas parecem ser as mais importantes das teorias sexuais típicas concebidas espontaneamente pela criança nos primeiros anos da infância, sob a única influência dos componentes do instinto sexual. Sei que não consegui tornar seu material completo, nem estabelecer uma relação contínua entre ele e o resto da vida infantil. No entanto, devo acrescentar algumas observações suplementares cuja ausência seria notada por pessoas bem informadas.

Existe assim, por exemplo, a importante teoria de que a criança é gerada num beijo - teoria que obviamente revela a predominância da zona erógena da boca. Que eu saiba, essa teoria é exclusivamente feminina e algumas vezes mostra-se patogênica em meninas cujas pesquisas sexuais foram sujeitadas a inibições fortíssimas na infância. Uma das minhas pacientes, por meio de uma observação fortuita, chegou à teoria da 'couvade', que como se sabe é um costume generalizado entre alguns povos, e cuja finalidade era provavelmente desfazer as dúvidas quanto à paternidade, que nunca podem ser totalmente afastadas. Um tio dessa paciente, meio excêntrico, costumava permanecer em casa por vários dias após os partos de sua mulher, recebendo os visitantes de roupão, fato que a levou à conclusão de que tanto o pai como a mãe participavam do nascimento da criança e precisavam repousar.

Mais ou menos aos dez ou onze anos as crianças começam a ouvir falar de assuntos sexuais. Uma criança que cresceu numa atmosfera social menos inibida, ou que teve melhores oportunidades de observação, conta às outras aquilo que sabe, pois isso a faz sentir-se amadurecida e superior. Os conhecimentos que as crianças adquirem dessa forma são na maior parte corretos, isto é, elas descobrem a existência da vagina e sua finalidade; no mais, porém, as revelações que trocam entre si são freqüentemente mescladas com idéias falsas e resíduos de teorias sexuais infantis anteriores. Essas revelações que nunca são completas ou suficientes para resolver o problema básico. Agora é o desconhecimento do sêmen, como era anteriormente o desconhecimento da vagina, o obstáculo para a compreensão de todo o processo. A criança não pode adivinhar que o órgão sexual masculino excreta outra substância que não a urina. Ocasionalmente uma jovem 'inocente' ainda fica indignada na noite de núpcias pelo fato de o marido 'urinar dentro dela'. A essa informação adquirida nos anos pré-puberdade seguem-se novas tentativas de investigação sexual por parte da criança, mas as teorias que ela agora concebe não têm mais aquele caráter típico e original das teorias primitivas dos primórdios da infância, quando os componentes sexuais infantis podiam ser expressos sem inibições e sem alterações. Os esforços intelectuais posteriores das crianças para decifrar os enigmas do sexo não me parecem dignos de atenção, nem possuir alguma significação patogênica. Sua variedade depende sem dúvida principalmente da natureza do esclarecimento que a criança recebe, mas sua significação reside antes no fato de despertarem os traços, que se tornaram inconscientes, do primeiro período infantil de interesse sexual. Assim é freqüente que a essas investigações se associe uma atividade sexual masturbatória e um certo grau de afastamento emocional dos pais. Daí o juízo condenatório de alguns professores de que o esclarecimento nessa idade 'corrompe' as crianças.

Vou oferecer-lhes agora alguns exemplos que mostram quais os elementos que integram essas especulações tardias das crianças sobre a vida sexual. Uma menina soubera por seus colegas que o marido dá à esposa um ovo que ela choca no interior do corpo. Um menino, ao ouvir a mesma história, identificou esse ovo com o testículo, que [em alemão] é vulgarmente conhecido pela mesma palavra [*Ei*]; e empregou todos os esforços mentais para descobrir como o conteúdo

do escroto poderia ser constantemente renovado. A informação recebida raramente é suficiente para prevenir o aparecimento de dúvidas importantes sobre os efeitos sexuais. Assim, uma menina pode imaginar que o coito só ocorreu uma única vez, durando entretanto muito tempo, vinte e quatro horas, e que todos os bebês do casal provêm dessa única ocasião. Poder-se-ia supor que essa criança obteve seus conhecimentos dos processos reprodutivos de certos insetos, mas essa hipótese não se confirmou; a teoria emergira como uma criação espontânea. Outras meninas ignoram a duração da gestação, a vida no útero, e supõem que o bebê aparece imediatamente após a primeira noite das relações sexuais. Marcel Prévost utilizou esse equívoco juvenil numa divertida história que aparece em uma das suas '*Lettres de femmes*'. As pesquisas sexuais posteriores de crianças, ou de adolescentes que permaneceram no estágio infantil, oferecem um tema quase inexaurível, que apresenta um certo interesse geral, mas que no momento está um tanto fora do meu interesse. Devo ainda assinalar que nesse setor as crianças produzem muitas idéias errôneas a fim de refutar conhecimento mais antigo e mais preciso que se tornou inconsciente e reprimido.

O modo pelo qual as crianças reagem à informação recebida também é significativo. Em algumas a repressão sexual está tão adiantada que elas não dão ouvidos a nada; essas crianças conseguem permanecer ignorantes mesmo na vida adulta - *aparentemente* ignorantes, pelo menos - até que, na psicanálise de neuróticos, o conhecimento originado na primeira infância vem à luz. Sei também de dois meninos entre dez e treze anos que, ao receberem informações sexuais, rejeitaram-nas com as seguintes palavras: '*Seu pai e outras pessoas podem fazer isso, mas tenho certeza de que meu pai nunca o faria.*' Mas por mais diversas que sejam as reações posteriores das crianças à satisfação de sua curiosidade sexual, podemos supor que nos primeiros anos da infância sua atitude era absolutamente uniforme, e ter a certeza de que nesse período todas elas tentaram ansiosamente descobrir o que os pais faziam um com o outro para terem bebês.